

Mover-se entre cacos: anotações sobre a pesquisa em arquivos de correspondências

Myriam Ávila

Durante o ano de 2013, uma pesquisa financiada pelo CNPq e desenvolvida no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa colocou-me em contato com centenas de cartas pertencentes a dezenas de acervos de escritores. O material encontrado não correspondeu exatamente ao imaginado quando da elaboração do projeto. Decepcionou muitas vezes, outras desviou o curso da pesquisa para caminhos novos e promissores. As próximas fases da pesquisa incluem o exame de acervos depositados em instituições de Belo Horizonte, com destaque para o Acervo de Escritores Mineiros, e de São Paulo. Os dados coletados são ainda incipientes, mas algumas linhas de trabalho que já se delineiam permitem, por um lado, uma revisão crítica dos princípios da pesquisa e, por outro, apontam para um esclarecedor panorama da vida literária brasileira da primeira metade do século XX. O que se segue é um apanhado das anotações que nasceram desse mergulho nos arquivos da FCRB.

OUVINDO O SILÊNCIO DAS CARTAS

A cada nova pesquisa em acervos de escritores, mais especificamente nas cartas arquivadas pelo escritor, o pesquisador se defronta com a necessidade de abordar os documentos em questão de forma extremamente criteriosa, especialmente quando as informações parecem confirmar de imediato suas expectativas. Aquelas correspondências já reunidas em livro, em edição comentada e algumas vezes intercalando cartas recebidas e enviadas de forma a reconstruir o diálogo são um grande presente de seus pares para o pesquisador, que não precisa decifrar manuscritos, desvendar iniciais ou tentar restabelecer o contexto. O contato direto com arquivos de cartas, entretanto, em geral dá acesso somente à correspondência passiva. As respostas muitas vezes estão fora do alcance, principalmente quando o interlocutor é estrangeiro. A sensação

imediate é a de uma voz clamando no deserto. Não só não temos as respostas, como também a impressão de monólogo é às vezes reforçada por queixas do remetente, que reclama da pouca prontidão de seu destinatário em reagir e dar seguimento à conversa.

Mesmo em edições comentadas nas quais só figuram as cartas recebidas, é-se tomado em certos pontos pela absolutização de uma única voz. Ali também repetem-se com frequência as queixas:

Que-dê a carta quilométrica que você me prometeu heim? Andei esperando por ela até agora [...]. (Mário de Andrade a Pedro Nava, em 10/4/1927.)¹

Mais eloquente é a ironia de Clarice Lispector, em carta a Lúcio Cardoso:

Berna, 31 outubro 1946

Alô, Lúcio,

isto é apenas para perguntar como você vai.

O quê? ah, estou bem, obrigada.

Sim, com frio também, obrigada.

[...]

Que você tem me escrito muito? sim, recebo sempre suas cartas; até ia lhe dizer que não me escrevesse tanto porque você pode se cansar. [...] O quê?

Desculpe, não estou mais ouvindo, a distância é grande, minha “aura” está acabando e o esforço desta comunicação é tão sobre-humano que mal tenho força de assinar [...]²

O grande desafio do pesquisador é então recompor o caráter da interlocução, que a princípio parece ser de desprezo e descaso da parte dessa voz que não se ouve.

¹ ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz*. Cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.87. Nesse caso, a queixa se desfaz ao fim da carta, em *post-scriptum*: “Hoje, 11, recebi afinal a carta de você”.

² LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Percorrendo as cartas de dezenas de escritores brasileiros durante o ano de 2013, na sala de consulta da Fundação Casa de Rui Barbosa, fui tomada por uma visão dos escritores brasileiros da primeira metade do século XX como destinatários *blasés* e incomodados pelo assédio de conhecidos, desconhecidos e organizações literárias que pouco lhes importavam. Foi preciso, nesse ponto, lembrar o cuidado com que cada escritor armazenou as cartas recebidas, mostrando apreço por elas, e ponderar que nenhuma correspondência progrediria após a terceira carta sem algum tipo de incentivo por parte do objeto dessa demanda.

Alguns escritores – a minoria – preocuparam-se em deixar arquivadas cópias de suas próprias cartas. Outros, como Drummond, anotavam nas margens as datas e até mesmo o teor de sua resposta. É comum encontrar também, no texto, menções a temas, notícias, comentários da carta lida, naquela que a responde. Mas a voz não ouvida é fraca. E, mais do que isso, a ausência do interlocutor no momento da escrita parece provocar no remetente alguma insegurança. A carta chegará a seu destino? Será lida – e com que espírito? Provocará uma resposta no mesmo nível ou será objeto de uma mera acusação de recebimento?

A sensibilidade aos indícios impõe-se ao pesquisador. É preciso examinar a extensão da correspondência, como ela progride no tempo, as formas de tratamento, o nível de formalidade ou informalidade da linguagem. Muito já se escreveu sobre isso; os ensaios introdutórios às coleções de cartas que vêm sendo publicadas desde o fim do século passado no Brasil contêm agudas observações sobre o trabalho epistolográfico. Toda uma escola de crítica genética francesa fornece ainda apoio teórico para a atividade prática do pesquisador. Diante da bibliografia crítica a respeito, da qual eu destacaria os ensaios de Júlio Castañón Guimarães, reunidos em *Entre reescritas e esboços*, não pretendo oferecer reflexões inéditas a respeito da pesquisa em arquivos de correspondências, mas apenas expor as dificuldades específicas que o *corpus* proposto coloca quando analisado com vistas a um objetivo específico.

A pesquisa em andamento volta-se para a recepção e repercussão das visitas de escritores estrangeiros no Brasil e pressupõe que essas teriam sido alvo de comentários nas correspondências e outros escritos autobiográficos de escritores brasileiros. O interesse da pesquisa é avaliar e acompanhar os diferentes impactos que a presença de escritores estrangeiros no Brasil teria ocasionado em um período-chave da literatura brasileira – as seis primeiras décadas do século XX.

Nas duas primeiras décadas, detectam-se inequívocos sinais de modernização e anseios de modernização que vão culminar no modernismo de 1920 e 1930. A partir dos anos 1940, Manuel Bandeira e Carlos Drummond assumem uma liderança duradoura na literatura e vida literária brasileiras, enquanto que no fim da década de 1950 essa configuração é desafiada por movimentos que surgem de posturas estéticas e políticas específicas. Acompanhando as mudanças no campo literário brasileiro, é de se esperar que a presença de escritores estrangeiros no país tenha tido, a cada momento, relevância maior ou menor, ou tenha permitido a formação de alianças e interlocuções variadas. Com base em dados já obtidos em correspondências e diários já publicados, optou-se por investigar de forma mais ampla essas fontes, como uma maneira de não se deixar levar por uma recepção “oficial” dos visitantes no Brasil.

O *corpus*, percebe-se, é imenso. Minha opção, ao dar início a minhas consultas aos acervos da FCRB, foi começar pelas correspondências dos escritores de maior fortuna crítica, reconhecendo nesses o poder de imantar os seus contemporâneos, além de encontrar neles posturas mais autônomas do que as dos que ainda lutavam pelo reconhecimento dos pares e dos críticos. As cartas de brasileiro a brasileiro pareciam-me, nesse contexto, prometer mais em termos de expressão desguardada e assertiva a respeito dos visitantes estrangeiros, uma vez que as normas de cordialidade imporiam à correspondência com estrangeiros um tom mais universalmente gentil e menos franco do que o que se pode assumir entre amigos. É fato que pode haver grandes exceções ao modelo, mas, em geral, pode-se constatar a prevalência dessa conduta.

Mesmo entre escritores brasileiros, as amizades que encontraram expressão na troca de cartas variam muito de caráter, pautando-se a correspondência pelo tom imposto por um dos missivistas, em geral o mais velho e mais reconhecido. Drummond, mais derramado nas cartas dos anos 1930 (a Mário de Andrade e Ciro dos Anjos, basicamente), adquire a partir dos 1940, em sua correspondência, uma equanimidade de espírito singular, que resiste até mesmo ao enorme assédio a que foi submetido desde um estágio relativamente inicial de sua carreira. Sempre preocupado em passar uma nuance de simpatia e amizade em suas respostas, prevalece nelas um timbre de civilidade, pronto a acolher, sem dar intimidade, as demandas de conhecidos de convívio eventual ou circunstancial responsáveis pela maior parte da correspondência recebida. Com essa equani-

midade, Drummond mostra consciência de sua posição de liderança nas letras brasileiras e, durante certo período, a consciência de sua posição como ocupante de um cargo público de certa eminência.³ Outros escritores, como Fernando Sabino e Vinícius de Moraes, são notáveis por instalar um clima de familiaridade e descontração em seus contatos epistolares.

Nem Manuel Bandeira, nome respeitadíssimo em vida no meio literário brasileiro, foi tão assediado quanto Drummond. A disposição epistolar de Bandeira pode ser considerada similar à de Drummond, pelo fato de que ele cultivava a correspondência com os grandes e verdadeiros amigos, mas não dá mostras de se envaidecer com as frequentes declarações de admiração que lhe chegavam pelo correio, às quais provavelmente respondia de forma amável, sem efusões. Com plena consciência do valor de sua obra, mantém uma postura bastante autônoma diante de demandas e elogios. Embora essa suposição não possa ser comprovada, por não dispormos das cartas de Bandeira a diversos de seus correspondentes, ela se coaduna com o espírito de uma declaração como a que Julio Castañon Guimarães cita na introdução a *Poesia traduzida*, na qual Bandeira quer deixar marcada sua independência de intelectual que separa a atividade profissional da produção literária:

Não tinha eu a mínima intenção de recolher em livro as traduções que se vão ler. Isso porque [...] não as fiz em virtude de nenhuma necessidade de expressão própria, mas tão somente por dever de ofício.⁴

Vê-se, assim, que embora o meu projeto inicial não visasse senão a coleta de informações a partir de correspondências de um determinado período, foi preciso, no âmbito da pesquisa, reconhecer o papel das personalidades dos missivistas no compartilhamento de ideias e notícias. Ao fazê-lo, apresenta-se ainda a necessidade de levar em conta a personalidade do destinatário, diante do fato de que o mesmo missivista modula a sua escrita de acordo com a imagem

³ Basta lembrar os inúmeros pedidos de emprego que lhe eram dirigidos. Ver, a respeito: GUIMARÃES, Júlio Castañon. Distribuição de papéis. In: _____. *Entre reescritas e esboços*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2010. p. 125-157.

⁴ GUIMARÃES, Júlio Castañon. Introdução. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia traduzida*. Org. e notas de Augusto Massi e Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 8.

que faz daquele a quem escreve. E levar em conta, portanto, que o endereçado é uma esfinge não só para o pesquisador que não tem acesso a suas cartas, como também para o remetente, que não pode controlar a acolhida a sua mensagem.

Do mesmo modo que o silêncio das cartas precisa ser interpretado, colocando o pesquisador na corda bamba das suposições, há nelas também uma tagarelice que pode se tornar uma armadilha para o historiador. O que encontra lugar no espaço de uma carta depende tanto da disposição momentânea do seu autor, da situação em que escreve, com mais ou menos tempo, até mesmo dos instrumentos que usa – lápis, caneta, máquina de escrever, papel pautado ou não, o formato da folha – que ela pode traír mesmo a intenção com que foi composta. Temos, a respeito, o testemunho de missivistas arrependidos do uso dessa e daquela expressão, de terem sido bruscos ou sentimentais na sua redação. Um caso delicado é o da carta em que Ribeiro Couto, querendo afetar intimidade, dirige-se a Blaise Cendrars como *cochon*: “Blaise, *vieux cochon*... [...] *Cochon, cochon, cochon*” (de Belgrado, em 11/9/1951). Na carta seguinte, diante da reação negativa, desculpa-se alegando que fazia um uso carinhoso do termo.

Para o aprendizado do significado de uma correspondência, é da maior relevância a publicação de conjuntos completos de cartas intercaladas de cada um dos correspondentes. Entretanto, o panorama reconstruído ainda assim não deixa de ser lacunar. Nem sempre as respostas levam em conta todos os comentários aportados pela carta recebida e muitas vezes os interlocutores expressam desejos, suposições ou pensamentos incompletos. No caso da pesquisa em questão, mesmo que se possa comprovar que o remetente esteve com um escritor estrangeiro no dia anterior à redação da carta, não há menção a esse encontro na sua correspondência a um amigo. Atribuir esse silêncio à pouca importância dada ao contato com o estrangeiro não é seguro. Outras questões podem se erguer entre remetente e destinatário que obscurecem momentaneamente a impressão recebida de um encontro que terá repercutido de forma mais subliminar no espírito do brasileiro.

De fato, a pesquisa revela, até o momento, que os comentários sobre escritores estrangeiros no Brasil são relativamente raros. Os brasileiros parecem se comprazer antes em trocar notícias, anedotas e observações de todo tipo a respeito do seu meio mais imediato, de outros escritores nativos. É notável a necessidade do escritor “exilado” a trabalho ou por outro motivo no exterior – quase sempre a Europa ou os Estados Unidos – de se manter ao corrente do que se passa na

pátria – vale dizer, quase sempre, no Rio de Janeiro. As conversas de bar ou de porta de livraria, as intrigas, as inimizades, as publicações, os eventos: conta-se com os amigos para se manter bem informado sobre aquilo que realmente interessa: a vida literária brasileira. Estar exilado, mesmo que voluntariamente, é estar em hibernação: “Acho absurdo que tenha vindo parar nestas remotas plagas, e minha vida me parece ainda mais inútil do que aí”, diz Ciro dos Anjos a Drummond (do México, em 7 de janeiro de 1953). Uma exceção interessante é Joaquim Nabuco, cuja suscetibilidade à “atração do mundo” foi caracterizada por Mário de Andrade como verdadeira doença. No entanto, ele se encontra muito no limiar do período pesquisado e não é viável contrastar sua atitude com a de escritores em atividade nos anos 1930, 1940 e 1950. Anote-se, porém, a observação de Medeiros e Albuquerque em 1918: “Quando eu venho para o Estrangeiro, é o anonimato, o descanso ignorado o que mais procuro” (anotações de viagem – 18/8/18),⁵ com que se justificaria o pouco interesse pelo meio em que se encontra.

Se levarmos em conta a atuação do mexicano Alfonso Reyes no Brasil, veremos, por oposição, que os brasileiros não se preocupam tanto em mapear o meio em que vivem no exterior ou de interagir produtivamente com ele. Se Reyes, no período que passou em nosso país (1930-36), deu-se ao trabalho de identificar os nomes mais relevantes e a posição de cada um no panorama da literatura brasileira,⁶ Ciro dos Anjos contenta-se com afirmar a inferioridade do cenário literário mexicano em comparação com o nosso, excluídos aí Alfonso Reyes e López Velarde, este já então falecido.⁷ A mesma atitude aparece em cartas de Fernando Sabino e Otto Lara Resende. Os poucos escritores estrangeiros

⁵ ALBUQUERQUE, Medeiros e. [Anotações de viagem]. [S.l.], 18 ago. 1918. Manuscrito. Acervo do AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa. 89 f. A34. p.1.

⁶ Em *Alfonso Reyes e o Brasil* (ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks: Consulado General de México, 2002. p. 46), lemos que o poeta “divide o campo entre as seguintes categorias, esquemáticas e de certa forma satíricas: centro, centro-direita [Academia Brasileira de Letras], centro-esquerda [Renato Almeida, Ronald de Carvalho], extrema-esquerda [Oswald de Andrade, antropólogos] e extrema-direita [Alceu Amoroso Lima]”.

⁷ “[...] não reconhece nada de notável na produção literária mexicana da época, à exceção da obra de Reyes [...]” (MIRANDA, Wander Melo. O apagamento do arquivo modernista. In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2011, p. 126.)

com que se entra em contato são levados pouco a sério como interlocutores e até menosprezados em sua produção literária.

Além do “banzo”, pode-se atribuir o alheamento do brasileiro no exterior à estranheza linguística, que ninguém procurou vencer com tanta galhardia quanto Nabuco. Pois se analisamos as permanências de escritores brasileiros em Portugal, vemos que ocorre muito mais interação com os pares portugueses. Contribui para essa aproximação também a possibilidade de ser lido sem os entraves temporais e formais da tradução.

Uma interpretação mais ousada para a postura do brasileiro no exterior é apresentada por Roniere Menezes, em seu estudo sobre literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius.⁸ Menezes mostra como a vida fora do Brasil resultou nesses autores em uma compreensão profunda das configurações culturais e políticas brasileiras, desenvolvendo neles “uma sensibilidade extrema para as diferenças que trazem saudáveis alternativas” e a “tática desconstrutora dos valores da civilização e do progresso”.⁹ Desse modo, suas obras, em lugar de se integrarem às linhas de fuga do “Ocidente hegemônico”, configuram-se como posturas desafiadoras às mesmas no próprio movimento pelo qual se voltam para o seu país natal.

A PATACODA DO NOBEL

O convívio com escritores estrangeiros não era corriqueiro no Brasil. Percebe-se, a partir do Modernismo, um intenso diálogo entre escritores brasileiros, um diálogo essencial, vital para a literatura em progresso, como mostra a correspondência entre Mário de Andrade e Carlos Drummond. No entanto, era raro que esse ambiente de trocas se expandisse para compreender os escritores estrangeiros. O trânsito entre brasileiros e estrangeiros – importante quando existiu, mas sempre pontual – obedecia ao tripé representação diplomática/tradução/exílio. Pela via da representação diplomática promoveu-se muito a tradução de brasileiros para línguas estrangeiras, com ênfase na Europa, na América Latina e, mais tardiamente, nos Estados Unidos. A partir dos anos 1950, nota-se

⁸ MENEZES, Roniere. *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

⁹ CARDOSO, Marília Rothier. *Arte/pensamento na crise da modernidade*. In: MENEZES, Roniere. *O traço, a letra e a bossa*.

uma busca mais ávida por parte de americanos do Norte e do Sul pelos pares brasileiros, expressa em ofertas de tradução. Na Europa, dominaram as traduções para o francês, antes do fenômeno Guimarães Rosa. No todo, a poesia é muito mais o objeto do esforço tradutório por parte de estrangeiros.

A configuração mais comum do encontro entre os nomes da literatura brasileira e os estrangeiros era a vinda de diplomatas-escritores de fora e a ida de diplomatas-escritores nossos para o exterior. Uma vez estabelecidos no país de chegada, uns e outros procuravam se aproximar do meio literário local. Criado o contato, investia-se na tradução como forma de fortalecer o vínculo. Todavia, prevaleceu sempre uma direção unívoca: quase sempre eram os estrangeiros que procuravam traduzir os brasileiros. No exterior, os representantes do Brasil envidaram esforços para traduzir sua própria literatura para o meio linguístico em que estavam vivendo. O comportamento do estrangeiro em nosso país podia ser radicalmente oposto. Lembremos o caso de Elizabeth Bishop que, autoexilada no Brasil, procurou traduzir uma coleção de poemas representativos da literatura contemporânea do país para divulgação nos Estados Unidos. Tímida demais para procurar Drummond pessoalmente, a americana aproximou-se, por meio de Lota de Macedo Soares, de Manuel Bandeira. Este teria considerado a possibilidade de reciprocidade a iniciativa de Bishop, traduzindo poemas da escritora, mas desculpou-se com uma suposta insuficiência de conhecimento linguístico para fazê-lo. Recusou-se a traduzir Robert Lowell sob a mesma alegação.¹⁰ Drummond traduziu um volume considerável de poesia estrangeira, mas não parece ter tido nunca como motivação o contato pessoal ou via correspondência com o poeta traduzido. Julio Castañón Guimarães, na introdução a *Poesia traduzida*, cita passagem de Drummond, de 1960, que vem bem a propósito:

Não conheci pessoalmente Jules Supervielle, *nunca recebi dele uma linha*. Entretanto, sinto sua morte como a de um amigo chegado. A explicação é simples: amo sua poesia há mais de trinta anos, e relações dessa natureza criam uma espécie de intimidade, que não depende de conhecimento individual.¹¹

¹⁰ BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.718.

¹¹ GUIMARÃES, Júlio Castañón. Introdução, p. 32.

De modo geral, podemos contar com uma certa *nonchalance* de Drummond, sempre muito sutil no trato com correspondentes eventuais e às vezes desguardado em conversa epistolar com os mais próximos. Uma passada de olhos em passagens de três cartas suas a Fernando Sabino basta para mostrar que eloquente em suas lacunas pode ser o documento epistolar.

A primeira é de 18 de junho de 1943, onde se lê: “Quanto a Maiakovski, concordo com você: ele é o tal. Quando a gente lê um sujeito desses fica perguntando onde estão os poetas do Brasil. Parece que não estão em parte alguma”.

É interessante observar que o comentário é feito para um prosador, não um poeta, e talvez tivesse sido matizado no diálogo com um colega de poesia. A leitura de Maiakovski teria sido feita em francês. Sabemos que em 1943 – em plena Guerra Mundial – Drummond está próximo de um posicionamento político de feição comunista. Está com 40 anos, vinte anos mais que Sabino. O elogio ao poeta russo traz à lembrança os versos de consideração do poema (*A rosa do povo*, 1945):

Estes poetas são meus. De todo o orgulho,
de toda a precisão se incorporam
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski.
São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguei.

O poema é escrito talvez ainda em 1943, sob o impacto do lançamento de *Cinco elegias*, de Vinícius de Moraes. Neruda, que no poema é citado com reverência, é objeto de um comentário entediado em 1945, no diário (*O observador no escritório*), por ocasião de um encontro presencial com o chileno. Daí se poderia deprender que a poesia é, para Drummond, mais interessante que o poeta e que o contato pessoal não contribuiria em nada para a sua apreciação. Entretanto, a admiração pelos muito próximos Vinícius e Murilo não se desfaz com a proximidade. Neruda figura no poema como passagem entre os contemporâneos e amigos brasileiros e os poetas que só conhece de texto e nome.

As segunda e terceira cartas são de 1966. Na terceira Drummond refere-se à passagem pelo Rio de Sofia de Melo Breyner Andresen:

No mais, andou por aqui uma poetisa portuguesa simpática, Sofia de Melo Breyner Andresen, que escreveu em versos a lenda do Cristo-cachorro da Espanha, contada por João Cabral. Padeceu uma sessão da Academia e um sarau imperial em casa de Ana Amélia, pelo que se retirou apressadamente em demanda dos coqueiros das praias do Nordeste, segundo me fez ciente e eu aprovei. (12/6/66)

Chama a atenção aqui a ausência de um comentário sobre a poesia de Breyner, ou a enunciação sequer da intenção de lê-la. Por metonímia, entretanto, Drummond dá a entender a respeitabilidade do trabalho da poeta, por meio da menção do nome de João Cabral e também da observação de que ela não se interessava pelas honras acadêmicas, autenticando-a como “um dos nossos”.

Na mesma carta, Drummond comentara a respeito de Elizabeth Bishop, a quem se cogitava encomendar a tradução de poemas:

A Elizabeth Bishop, acho difícil ela fazer o trabalho em prazo inferior a 240 anos, a julgar pelo cuidado, minúcias, dúvidas e problemas com que verteu duas humildes coisas de minha lavra, a respeito das quais me consultou tantas vezes que acabou verificando ser mais fácil eu aprender o inglês necessário ao bom desempenho da tarefa. (Rio, 12/6/66)

Outro divulgador da poesia drummondiana nos Estados Unidos, John Nist, já tinha, um mês antes, sido alvo de uma reclamação do poeta, também em carta a Fernando Sabino (16/5/1966):

O que o Nist é acima de tudo é um chato, insistindo nessa história ridícula de dar-me o Prêmio Nobel quando tão mais fácil seria ele me ter dado os 5 ou 10 exemplares de *In the middle of the road* que eu gostaria de ofertar a alguns amigos.

[...]

O que não desejo de maneira alguma é que continue com essa patacoada de Nobel depois de eu lhe ter significado em carta muito positiva que isso me desagradava.

Nist escrevia a Drummond desde 1959, dando notícia de uma antologia de poetas brasileiros que preparava. Em 1961, o poeta brasileiro escreve uma carta elogiosa a Nist, a respeito da narrativa de guerra *Fui crucificado*, de autoria do americano. Aproveita para desejar “que se concretize em breve sua volta ao Brasil, onde deixa tantos amigos, entre os quais me coloco prazerosamente”. Em 1962, Nist envia a T.S.Eliot o livro *Selected poems of Carlos Drummond de Andrade*. Em 1963, organiza a indicação de Drummond ao Prêmio Nobel. Não tendo tido sucesso, propõe retomá-la em 1965, embora Drummond lhe peça terminantemente, em carta de 18 de novembro do mesmo ano, que não o faça. O contato se encerra melancolicamente com uma discussão sobre direitos autorais.

O modelo que se delineaia nas cartas referidas é o do poeta brasileiro satisfeito, mas não subalternamente grato, com a divulgação de sua poesia no exterior, sua confiança pendendo mais para as iniciativas de compatriotas nesse sentido do que para a de estrangeiros. O desejo de Drummond de distribuir exemplares da publicação em inglês para os amigos brasileiros está em conformidade com a ideia de um meio literário autônomo, não dependente do reconhecimento externo (como transparece também no seu comentário sobre Bishop). A diferença de registro entre as cartas a Sabino e a Nist mostra que a amizade proclamada com relação ao último não pode aspirar ao “à vontade” da conversa com o conterrâneo. Pesa mesmo sobre a relação com o americano a suspeita de depreciação dos direitos autorais de Drummond – e a de que o crítico não esperava atitude tão altaneira por parte do autor. E, por fim, o reconhecimento do mundo representado por um hipotético Nobel não parece valer o constrangimento de se ver objeto de uma ruidosa e esforçada campanha. Sartre, ao recusar o prêmio em 1964, já mostrara ser possível o gesto. Qual seria a reação do poeta que, mantendo a palavra firmada em 1943, nunca aceitou entrar para a Academia?

FRAGMENTO E COESÃO

A carta é um meio tolerante à passagem heteróclita de um assunto a outro, até mesmo de um tom a outro. Quem se lembra de ser coerente ao redigir uma carta a amigos? As marcas do gênero limitam-se à estipulação de um destinatário, à datação e ao tratamento em segunda pessoa. A continuidade temática geralmente passa ao largo e mesmo a continuidade da escrita é muitas vezes desafiada pelo uso das bordas do papel em direções diversas. A par da flutuação dos assuntos, há toda uma produção de lacunas temporais. Alguma coisa falta, contradições passam sem explicação, o contexto raramente é explicitado de forma a prover de coesão o texto. Tais lacunas podem se mostrar enigmáticas até mesmo para o destinatário, teoricamente competente para preenchê-las. Naturalmente, colocarão muito mais problemas para os leitores imprevidos que, postados no futuro dessa escrita, leem cartas que não lhes foram destinadas – nós, os pesquisadores.

Somos, no entanto, responsáveis por mais um processo de fragmentação desses poliformes documentos: ao citá-los, recortamo-los de forma a abonar nossos argumentos ou, simplesmente, para ir direto ao ponto, desprezando tudo o que excede de nossos interesses. Ainda que transcrevamos todo o texto da carta, enfatizaremos essa e aquela passagens, indicando ao leitor do nosso ensaio como recortar e interpretar o que se encontra diante de seus olhos. Acontece ainda de nos vermos impedidos de transcrever a carta inteira, por motivo de direitos autorais ou para não ferir suscetibilidades.

Portanto, é em um mundo de cacos que nos movemos na tentativa de dotá-los de coesão e construir uma tese sustentável. Cabe-nos o impasse de decidir entre investir de autoridade o nosso mosaico, a ponto de fazer desaparecer os remendos, ou deixar aparente a montagem e a relatividade de nossa interpretação, esperando que outras possíveis não a desautorizem. No caso da pesquisa que empreendo no momento, e que, em sua primeira fase, beneficiou-se dos extensos acervos de escritores da Fundação Casa de Rui Barbosa, aposto na possibilidade de traçar linhas mestras sustentadas pelos dados/cartas/fragmentos sem prejuízo da flexibilidade e mobilidade de olhares e arranjos potenciais.